

Das imagens de uma corporeidade da mesmidade para imagens de uma corporeidade da futuridade.

Amanda Singulani

A vida do corpo é a vida das sensações e das emoções. O corpo sente a fome real, a sede real, a alegria real do sol e da neve, o prazer do cheiro real das rosas ou em olhar um arbusto de lilás; a raiva real, o calor real, a paixão real, o ódio real, o luto real. Todas as emoções pertencem ao corpo e a mente apenas as reconhece.

D.H. Lawrence

As imagens produzem sensações que podem nos remeter a reflexões significativas, não importando a duração do tempo em que rendemos nosso olhar a elas. Passamos a ser extensão daquilo que olhamos, rompendo as barreiras do tempo e “*encorporando*” percepções produzidas pelo impacto que cada imagem acarreta em nossas vidas. Pertinente a esta idéia, o corpo assume uma relevância fundamental no cumprimento das ações: olhar, sentir e “carregar”. As tramas tecidas entre o corpo e o mundo enredam histórias que constituem e significam as corporeidades. Neste sentido, trago de outras vivências algumas imagens que iluminam minhas reflexões sobre educação.



Se saber ver é sentir o que se olha, percebo um distanciamento falsificador e prejudicial entre o corpo e conhecimento. Ao *olharsentir* estas imagens vejo que o corpo sentado, “*encorpora*” uma condição onde o estar parado torna-se um martírio. Em contraposição, é justamente o corpo torcido que revela um contentamento em desempenhar tais contorcionismos.

Na primeira imagem, a disposição das carteiras visando a disciplinarização dos alunos é uma melhor possibilidade de controle do professor que domina a classe. São *mecanismos de controle* que explicitam a incumbência do ensino, a inserção do aluno no mundo da produção, adaptando seu corpo à função mecânica. A educação assume sua atividade de controle social nas ações menos prováveis e suspeitas como a sala de aula que não deve ser o lugar do caos que impeça a ação pedagógica do professor. O corpo torna-se invisível, sendo apenas suporte e sustentáculo de uma mente pensante e racional, por uma educação respaldada na herança cartesiana que dicotomiza o ser humano em corpo e mente.

Porém, mesmo com todos os aparatos controladores torna-se impossível a medição de que o ensinado foi de fato aprendido ou assimilado naquele momento. A aprendizagem é um processo pelo qual não se pode exercer absoluto controle ultrapassando os limites da sala de aula, principalmente

porque é dentro dela que deixa de ser validado outras dimensões consubstanciais do ser humano.



Por isso, acredito que o corpo que se pretende controlar, disciplinar, *assujeitar* também pode ser o corpo da resistência de potencialidades e criação. Abdicar do discurso do poder controlador proporcionando resistência nas práticas pedagógicas, estando atentos às imagens que sugerem vivências muito mais produtivas do que o confinamento dos corpos em simulacros de prisões, que é o que se tornam as salas de aula.

Renunciando práticas que figuram imagens de uma *mesmidade* que não pode estar na escola, já que proíbe a diferença do outro (SKLIAR, 2003), apostando numa corporeidade como um território de tensões, mutações, movimentos, conflitos, consensos, de emoções. Materialidade corpórea imbricada por histórias que são plurais e singulares inscritas por experiências e vivências individuais e coletivas com as quais nos constituímos sujeitos no mundo, sempre a partir das múltiplas redes de relações nas quais circulam em nossas vidas cotidianas (CUPOLILLO, 2008).

Portanto, estas últimas imagens constituem imagens da futuridade, das abrangências, da coragem de ser muitas vezes só para semear um outro devir educacional. Inspiro-me em ALVES (2001, p.13) ao defender que “há um modo de fazer e de criar conhecimento no cotidiano, diferente daquele aprendido, na modernidade, especialmente, e não só, com a ciência”. Entender a educação como um ato que nunca termina e nunca se ordena proclamando um futuro que por não ser sabido me instiga a declarar uma *cultura transgressora* (ARROYO, 2000) recenseada a uma visão de ser humano como um *corposujeito* no mundo, uma cultura da corporeidade.



REFERÊNCIAS:

- ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas.** In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs.) Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre:** imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CUPOLILLO, Martha. Pensando nas corporeidades: movimentos de hegemonias e de resistências. **Jornal Eletrônico Educação & Imagem**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 6, Dez/2007 – Jan/2008. Disponível em:

http://www.lab-eduimagem.pro.br/jornal/artigos.asp?imagem=02&NUM_JORNAL=6&NUM_SEMESTRO=02&ID=196

-SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença:** e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

sobre o(a) autor (a):

Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contexto Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da UFRRJ. Bolsista da Capes. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (IM/UFRRJ – IA /UERJ)